

A questão da educação na obra de Martinho Lutero

César de Alencar Arnaut de Toledo

Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá-Paraná, Brazil. E-mail: arnautcz@wnet.com.br

RESUMO. Lutero não teve uma preocupação explícita com a questão da educação. Em seus escritos, ela é necessária, mas subsidiária da teologia e da religião. Sua pregação da universalização da leitura é ligada à idéia de salvação. Aqui reside uma das bases da pedagogia moderna, que é mais centrada no indivíduo, e também uma das “bandeiras de luta” mais importantes para os reformadores posteriores a Lutero: a educação. Religião e educação são inseparáveis em sua doutrina. A idéia do sacerdócio universal de todos os crentes, que faz laicizar o múnus sacerdotal, transformando-o em ofício civil, é uma das mais importantes contribuições de Lutero ao pensamento moderno. A articulação de seu pensamento também se fez pela confluência de idéias resistentes aos métodos de ensino e aprendizagem usuais nas universidades européias de então. A escolástica, apesar de ainda dominante nos meios acadêmicos, esgotava-se como modelo crítico. A compreensão da relação que ele fez entre poder espiritual e temporal permite-nos compreender também sua concepção de educação, que acabou se transformando numa das idéias mais caras da modernidade.

Palavras-chave: filosofia da educação, Reforma Protestante, século XVI, Martinho Lutero, história da educação.

ABSTRACT. The theme of education in Martin Luther's work. Luther was not explicitly concerned with education. In his writings it is necessary but subsidiary issue to theology and religion. His preaching of the universal literacy is linked to his idea of salvation. One of the fundamentals of modern pedagogy centred on the individual, education became a slogan for the reformers following Luther. Religion and education are inseparable in his doctrine. The idea of the universal priesthood of believes, transforming the priestly office into a lay occupation, is one of Luther's most important contributions to modern thought. His outspoken divergencies from the teaching methods used in most European universities at that time also contributed to the articulation of Luther's thought. Scholasticism, though still domination the academy, was warning as critical model. Luther's concept of spiritual and temporal power relationship helps one to understand his idea of educational which has become one of the most cherished in modern times.

Key words: philosophy of education, Protestant Reformation, 16th century, Martin Luther, history of education.

O objetivo deste texto é apresentar a concepção de educação em Martinho Lutero, especialmente a expressão do tema em dois de seus textos: *Aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas*, de 1524 e *Uma prédica para que se mandem os filhos à escola*. Os dois textos dizem respeito à educação. São opúsculos que foram escritos em clima de combate. No primeiro caso, Lutero tinha à sua frente a revolta dos camponeses alemães, liderados por Thomas Müntzer e que representavam uma ameaça às instituições estabelecidas da sociedade alemã, pois pregavam a

posse da terra pela força, ameaçando a Igreja e a nobreza. No segundo caso, Lutero estava confinado a uma fortaleza em Coburgo, enquanto acontecia a dieta em Augsburg. Por carta, Lutero assessorou o Eleitor da Saxônia, que participava da dieta, defendendo os princípios da Reforma como um bem para a Alemanha.

Não há, em Lutero, uma concepção bem elaborada e fundamentada de educação. Este tema não figura entre aqueles que ele tinha como meta fundamental para discussão, dado que viveu toda sua vida em clima de combate ideológico. Para ele, os

assuntos mais importantes (e pungentes) estavam ligados diretamente à teologia e ao sistema de governo da Igreja Cristã. Em sua perspectiva, tudo deveria girar em torno de tais questões. Suas falas (escritos) sobre educação só podem ser compreendidas à luz de sua concepção de religião. Ele se manifestou a favor da escola para as crianças, para que pudessem ler a bíblia e sempre atacou os métodos de ensino das universidades e mosteiros. Tanto a defesa da escola quanto a crítica inseriam-se nos contextos dos embates ideológicos e lutas políticas pela hegemonia cultural e religiosa na Europa do século XVI. Uma das grandes contribuições de Lutero no campo da educação reside no fato de ter defendido a universalização da alfabetização, que se tornou, depois dele, uma das mais importantes bandeiras desfraldadas e enfim conquistada pelos reformadores. A educação, pelo fato de servir à salvação, deve estar ao alcance de todos. E essa talvez seja a maior de todas as contribuições da Reforma à construção da modernidade no Ocidente. Mesmo sem ser muito bem elaborada ou explicitada, a visão de Lutero sobre o papel da educação na sociedade foi crucial e, num momento de luta pela hegemonização da cultura, ligada à formação (ou luta por ela) dos Estados-Nação, tornou-se estratégica. Esse fato obrigou inclusive a Igreja Católica a reordenar sua própria concepção sobre o papel da educação e de como realizá-la para que pudesse também estar a serviço da manutenção de sua própria hegemonia, estabelecendo, assim, novos ideais e renovando-se por completo, mas mantendo suas tradições.

A formação intelectual de Lutero

Para se compreender melhor as idéias de Lutero, é necessário lembrar os fatos mais importantes de sua vida e que foram determinantes em suas reflexões e pregações, dada a indissociabilidade entre seu pensamento e sua vida. Martinho Lutero nasceu a 10 de novembro de 1483, em Eisleben, numa família pobre cujo pai era mineiro. As duríssimas condições de vida e de trabalho de uma família num ambiente assim levaram naturalmente à valorização das atividades intelectuais (ser clérigo ou advogado) como meios excelentes de ascensão social. Assim, a família se mudou para Mansfeld, onde Lutero iniciou-se no estudo das primeiras letras, passando depois para Magdeburgo e Eisenach. Sua formação universitária foi feita em Erfurt, onde se tornou bacharel em leis em 1505. Até então, Lutero realizava o sonho de ascensão social de sua família e acabou se contrapondo violentamente a essa determinação familiar ao ingressar, nesse mesmo

ano, no convento eremita dos agostinianos de Erfurt. Em 1507, foi ordenado padre, continuando seus estudos teológicos até 1509, quando recebeu seu bacharelado em Bíblia e nas “Sentenças”. Iniciou sua atividade como professor com um curso sobre os Salmos. A partir de 1514, começou também a pregar em Wittenberg. Um fato marcante dessa época e que acabou gerando uma violenta reação de Lutero foi a bula de Leão X, em 1515, que concedia indulgência plenária, o que significava amplo perdão para os pecadores - àqueles que colaborassem (com dinheiro) para o término da construção da basílica de São Pedro, em Roma, que era a capital da cristandade no Ocidente. Pululavam as denúncias de vendas de cargos eclesiásticos importantes, especialmente na Alemanha, causando indisposição popular contra a Cúria Romana.

No ano letivo que se iniciou em fins de 1515, Lutero ministrou um curso sobre a *Epístola aos Romanos*, cujo comentário é a base da teologia luterana e reformada em geral: a salvação (ou justificação) pela fé.

Até então, ele não se diferenciava muito de qualquer outro religioso de sua Ordem, pois ensinava uma revalorização da fé e defendia uma volta à simplicidade do cristianismo primitivo, mas de modo idealizado.

A ruptura com a Igreja Católica começou propriamente em 1517, quando divulgou, em 31 de outubro, suas 95 teses contra as indulgências. Nesse texto, um panfleto, Lutero denunciava a instrumentalização da fé para fins pecuniários, a venda de indulgências, e causou grandes reações, tanto favoráveis quanto contrárias. A partir daí, iria se tornar cada vez mais difícil uma concórdia entre Lutero, e depois seus seguidores, e a Igreja Católica Romana. Roma insistiria sempre na submissão pura e simples, impossibilitando qualquer alcance de diálogo, o que foi em vários momentos tentado, nunca porém tendo chegado a bom-termino. Lutero, e depois os demais reformadores, rechaçariam qualquer possibilidade de recuo nas teses “evangélicas”.

De 1517 em diante, os escritos de Lutero iriam refletir o processo de separação iniciado e selado definitivamente em 1531, quando Felipe Melanchtom publicou a *Confessio Augustana*, com 28 artigos de fé, configurando o primeiro Credo Evangélico, pouco distinto da fórmula clássica do catolicismo, mas já “cismado” de Roma, definitiva e irreversivelmente.

De 1517 até sua morte, em 1546, Lutero esteve, via de regra, na ofensiva e ele e seus seguidores (ou adeptos da causa da Reforma) estavam sempre um

passo à frente da Igreja Romana, cuja ofensiva mais poderosa e mais solidificada veio a partir de 1545, quando da abertura dos trabalhos do Concílio de Trento, que duraram até 1563 e marcaram o início da renovação interna do catolicismo. Esse processo foi também fortalecido pela fundação da *Companhia de Jesus*, em 1540, a quem coube, a partir de então, a maior parte das investidas ortodoxas e conservadoras da Igreja Romana.

Entre 1517 e 1521, quando foi declarado herético pelo Papa, Lutero compôs a maioria dos textos considerados “fundadores” do Corpo Doutrinário da Reforma Protestante. A partir dessa data, já existiam diferenciações no culto e na pastoral. Lutero passou a pregar, dirigindo-se mais àqueles que pretendiam seguir a fé renovada. Assim, aos poucos, Lutero e os luteranos tornaram-se uma força política poderosa na Alemanha. Tanto que, mesmo que os príncipes quisessem, não poderiam ignorá-los. Data desse período também sua incursão pela política, ao se posicionar violentamente contra os camponeses revoltosos da Alemanha, cujo maior líder era Thomas Müntzer (entre 1523 e 1525). Seu posicionamento, curiosamente comum à Igreja Romana e aos príncipes alemães, impulsionou os massacres que se seguiram. Lutero propunha a renovação da fé, mas não o questionamento da autoridade secular. Data também dessa época seu rompimento definitivo com Erasmo de Roterdã (1469-1536) que se originou das disputas acerca do livre-arbítrio, defendido por Erasmo que era tido como o maior intelectual da cristandade, e atacado por Lutero, que não conseguiu atrair Erasmo para a causa da Reforma na Igreja nos moldes que propunha. Os dois mais importantes textos de Lutero, que tratam mais especificamente da educação e da escola, datam também desse período. Os textos são os seguintes: *Aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs* (*An die Ratsherren aller Städte deutsches Lands, dass sie cristliche schulen aufrichten und erhalten sollen*) de 1524, onde ele defende a criação e manutenção de escolas para crianças, e *Uma prédica para que se mandem os filhos à escola* (*Eine Predigt, dass man Kinder zur Schule halten solle*) de 1530, este sendo uma exortação aos pais para que dêem oportunidade aos seus filhos de irem à escola. Ambos os textos têm a característica de panfletos e claramente foram escritos no calor das disputas que se travavam na Europa cristã. Em outras ocasiões, Lutero abordaria, com menor clareza ou menor empenho específico, questões ligadas à educação e à escola, defendendo as mesmas idéias contidas nesses dois textos acima indicados, que são os mais significativos para o

estudo do tema da educação em sua obra. Por exemplo, em um texto de 1539, *Dos Concílios e da Igreja* (*Von den Konziliis und Kirchen -sic!*), publicado no volume 50 da edição Weimar de suas obras completas e, no Brasil, traduzido por Ilson Kayser para publicação no volume 3 das *Obras Seleccionadas* de Martinho Lutero (p. 301-432). É retomado o tema da educação e da escola. Lutero reafirmaria suas posições acrescentando que *...deve a escola estar intimamente relacionada com a Igreja* (p.431), numa clara explicitação de sua teologia política que é a de horizontalização e mundanização da espiritualidade que deve ser, de certa forma, sustentada pelo Estado e conduzida por uma pedagogia religiosa.

Pelas características que possuem, os dois textos indicados e também este último só podem ser compreendidos à luz do desenrolar dos acontecimentos envolvendo as relações de Lutero com a Igreja Católica, tanto no plano religioso quanto no plano político. Planos que não são distintos, é bom que se diga.

Lutero: reforma ou educação

É lugar-comum dizer que, de início, Lutero não pretendia romper com a Igreja Católica Romana e, sim, reformá-la, assentando a religião em suas bases originárias. No entanto, sua visão de religião, ao ser explicitada ao longo do tempo, foi se diferenciando radicalmente daquela dominante, que tinha a Cúria Romana em seu centro. A diferenciação não se deu de uma única vez e nem imediatamente, mas foi sendo lentamente construída no próprio desenrolar dos acontecimentos. Os setores mais conservadores e reacionários do catolicismo só acreditaram mesmo na formação de uma nova religião, mas cristã também, após o Concílio de Trento. Até então, tais setores acreditavam piamente no completo esmagamento e silenciamento da Reforma na Igreja.

Lutero iniciou sua pregação denunciando o farisaísmo da religião cristã que conhecia. Nela, a complicada ritualística era o que de mais importante e valorizado havia e o aspecto cívico ou social da religião acabava prevalecendo sempre sobre a fé. Ele começou defendendo uma reinteriorização dos princípios mais importantes do cristianismo. Assim, a fé iria assumir um papel mais importante que a tradição ou os costumes em seu pensamento. E, se o indivíduo passava a ser mais valorizado, é evidente também que a “construção” de tal indivíduo passasse a ser muito mais importante. Em seus escritos, uma nova pedagogia se fazia necessária ao novo espírito e ela viria a ser fundamentada na vontade individual.

Tendo nascido em meios humildes, é compreensível que Lutero tenha valorizado a

educação como único meio possível de projeção na sociedade alemã de seu tempo. E foi devido à sua formação em teologia que Lutero foi construindo fama de grande pregador e polemista. Ele sempre se viu como professor e pregador. Isso explica suas referências à educação e à escola, como também a configuração dos textos que escreveu, sempre repletos de citações bíblicas e compostos em linguagem mais acessível e, não raro, configurados como panfletos destinados ao combate intelectual e político. Ele tinha convicção de estar desempenhando uma papel pedagógico na sociedade alemã de sua época. Isso, de certa forma, distingue Lutero da maioria maciça dos intelectuais daquele século, o XVI. Ele se dirige sempre aos nobres e ao povo minimamente letrado. Seu público-alvo não é a intelectualidade, diretamente. Esse fator o indispôs com os clérigos e universitários, além da Cúria Romana. Lutero também se dirigia especialmente aos príncipes alemães, com o evidente propósito de angariar apoios poderosos para suas causas. Seus escritos fazem referência a eles e à justificação de seu poder.

Lutero começou a se projetar intelectualmente a partir de suas lições sobre a *Carta aos Romanos*, havidas no ano letivo de 1515-1516. Aí podemos encontrar já o germe de sua futura teologia e pregação. As lições (curso) foram sobre o estatuto da fé e seus fundamentos, questionando a concepção de fé como costume, tradição ou convenção social¹, pois, segundo ele, a Lei (divina) não poderia ser cumprida apenas com obras², tendo em vista que é de caráter espiritual e não convencional³. E afirma: “*Só a fé justifica*” (salva)⁴. É nesse conceito, o de prevalência da fé na religião, que reside a base de toda a teologia da Reforma.

As posições duras e intransigentes que Lutero tomou em defesa da fé em contraposição à tradição e na crítica ao recurso da venda de Indulgências, feito e incentivado pela Cúria Romana, com o objetivo de aumentar as rendas da Igreja e terminar a construção da basílica de São Pedro, em Roma, granjeou-lhe ódios e perseguições. Além disso, sua atitude de não recuar nunca de suas posições, possibilitou a construção de uma imagem de renitente nos erros (segundo seus opositores), dificultando o diálogo e a concórdia. Suas críticas à corrupção, riqueza ostensiva e mundanização da Igreja não eram novidade nos meios eclesiais cristãos. Muitos já

havam feito críticas semelhantes anteriormente. A diferença residia em sua recusa à submissão diante da Cúria Romana e na manutenção das críticas, sempre violentas. Esse fator foi decisivo durante a fase dos acontecimentos que acabaram por resultar em sua excomunhão em 1521, por Leão X. Também o foi nas tentativas de concórdia, como na dieta de Espira ocorrida em 1529, ocasião em que foi cunhada a expressão protestante para designar os seguidores de Lutero. O surgimento da expressão é resultante da assinatura de um protesto da parte dos príncipes da Saxônia, de Brunswick e Brandenburgo, Estados alemães de maioria “evangélica”, contra a tentativa encetada pela maioria católica de fazer valer o edito de Vórmia (Worms), de 1521, que bania Lutero. A ruptura foi selada definitivamente em 1530 na dieta de Augsburg, quando foi publicada a *Confessio Augustana*, redigida por Felipe Melancton, muito próximo a Lutero. Foi o primeiro Credo Protestante (ou Evangélico). No ano seguinte, em 1531, os evangélicos, já cismáticos e sem que houvesse possibilidade de concórdia entre as partes, uniram-se numa liga, estabelecendo a Liga de Esmalcada, que consagrou a ligação entre a nova fé e os Estados Protestantes. Depois disso, não foi mais possível o estabelecimento de diálogo entre as partes litigantes e nem foi mais possível o recuo nas posições tomadas.

Os dois principais textos de Lutero que fazem referência expressa ou que se destinam à discussão do tema a respeito da educação e da escola foram escritos nesse meio-tempo (1524-1530) e só podem ser compreendidos se inseridos nesse quadro de lutas ideológicas (mas não só) travadas no período, no seio mesmo do cristianismo ocidental. Em outros de seus textos, o tema também aparece, porém, episodicamente, ligeira e secundariamente, e com o objetivo de condenar os métodos escolásticos utilizados nas universidades, resistentes, inicialmente, às idéias de Lutero.

O primeiro texto de Lutero a tratar mais detidamente do assunto da educação e da escola é de 1524. Trata-se do texto *Aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs*⁵. O texto era uma exortação às autoridades para que garantissem educação e escola para as crianças. A defesa que ele fez desse princípio, o de educação para todas as crianças, que é de fácil compreensão

¹ V. *Prefácio à Epístola aos Romanos*, In: Lutero: *Lieder e prose*, p. 330-369

² *Idem*, p.332-333.

³ *Idem*, p.334-335.

⁴ *Idem*, p. 336-337.

⁵ *An die Ratsherren aller Städte deutsches Lands, dass sie cristliche Schulen, aufrichten und erhalten sollen*, publicado no volume 15 (p. 27-53) das obras completas de Lutero, edição Weimar (WA). Aqui é utilizada a tradução brasileira feita por Ilson Kayser, publicada no volume 5 das *Obras Seleccionadas* (p. 302-325).

para nosso tempo, tinha para ele um sentido e um objetivo religioso. A criação e a manutenção de escolas deveria ser uma missão ligada à economia da salvação⁶. Para ele, só esse motivo já justificaria tal criação e manutenção⁷. As autoridades devem construir e garantir o funcionamento das escolas pois é agradável a Deus e desagradada o demônio⁸. Nesse texto, Lutero apresenta três razões para corroborar a tese de criação e manutenção de escolas para meninos e meninas:

- Desagradar o demônio (p. 305)
- A graça de Deus não pode ser recebida em vão (p. 306)
- Cumprir os mandamentos de Deus (p.307).

Assim, o antigo múnus sacerdotal transformava-se em ofício social ou cívico. Todo o texto reforça essa concepção, uma das bases da pedagogia moderna. Mesmo sendo um ofício cívico, a educação não deixaria de ter sua função, o que é muito importante para a salvação dos crentes. Se a Bíblia devia ser objeto de livre-consulta, era necessário que o fiel fosse alfabetizado para poder ler o texto sagrado de sua religião em sua língua natural. E a missão de garantir a constituição do “rebanho”, que, na tradição católica, é papel precípua da hierarquia da Igreja, passava, assim, para o poder civil e isso passando a ser a garantia da organização eclesial. É, indubitavelmente, uma novidade esse processo de laicização da religião e também da educação. Ele nunca pretendeu uma laicização completa e total da religião, mas acabou contribuindo e muito para que se desenvolvesse mais essa concepção. Eis aqui uma das mais importantes contribuições de Lutero à modernidade: ele estabeleceu as bases futuras da laicização da educação (e, por fim, também da religião), passando-a para a esfera do poder civil.

Karl Marx⁹ nos apontou o caráter ainda religioso da laicização que Lutero iniciou ao nos mostrar que ele, ao eliminar o ofício sagrado do sacerdócio, transformou todo crente em sacerdote, horizontalizando uma relação religiosa com o sagrado. Relação essa que, no catolicismo, é mediada pelo clero especializado. Essa nova forma de religiosidade era típica, necessária e adequada aos novos tempos (capitalismo)¹⁰, pois passava a valorizar mais o espírito empreendedor e a livre-

iniciativa, característicos do pensamento burguês que emergia naquela época. Mas, mesmo fundamentando a educação na religião e instrumentalizando-a, Lutero, nesse texto, já apontava para um aspecto bastante importante da educação e que para nós hoje é o aspecto mais significativo: a educação serve à construção da cidadania¹¹ e a falta de preparo dos jovens é culpa dos governantes¹². Lutero não propunha nenhuma inovação nos métodos de ensino. Não era esse seu objetivo maior. Ele insistia na necessidade de manutenção de escolas para as crianças, simplesmente. E quanto aos conteúdos, o ensino das línguas clássicas, especialmente o grego e o hebraico, ocupa, em sua obra, um posto de destaque, pois o seu conhecimento é indispensável à leitura dos textos bíblicos¹³ e serve, assim, à comunidade, para que possa ter condições de julgar o conhecimento de seus pastores¹⁴. E é vergonhoso que algum cristão não tenha conhecimento da linguagem de seu Deus¹⁵.

Outro ponto importante do texto e que deve ser destacado é a ligação que Lutero fazia entre fé e linguagem. Uma é condição para que a outra possa ser realizada. A Bíblia, segundo ele, é a linguagem do Deus dos cristãos e conhecer essa linguagem, além de ser uma obrigação do fiel, é como que uma garantia da fé, que por sua vez, é a condição de salvação para aquele que crê¹⁶. A relação entre fé e linguagem só poderá ser construída pela disciplina do estudo. A disciplina, que deveria tornar-se meio e não fim, nos estudos¹⁷.

A educação, para Lutero, sempre está entre o poder espiritual e o poder temporal. É uma espécie de elo que liga esses dois poderes e são eles que garantem a vida do homem. Se ele antes, em 1520, num de seus mais célebres textos sobre eclesiologia, chamado *Do Cativo Babilônico da Igreja (De Captivitate Babylonica ecclesiae praeludium)*¹⁸, defendia uma reorganização do poder na Igreja, remetendo-se ao antigo debate entre curialismo e conciliarismo (centralização ou descentralização do poder espiritual), agora procuraria mostrar como deveria ser a nova organização da Igreja. O título do escrito se refere ao período em que a sede da Igreja Cristã do Ocidente esteve em Avinhão, no sul da França, entre 1309 e 1377, período que acabou sendo chamado de

⁶ V. *Aos Conselhos...*, p. 303.

⁷ *Idem*, p. 305.

⁸ *Idem*, p. 305.

⁹ V. Marx, K. *Manuscrisos Econômico-Filosóficos* (terceiro manuscrito). In: Col. Pensadores, p. 3-4.

¹⁰ Veja-se, a respeito dessa questão, um aprofundamento na obra clássica de Weber, M.: *A Ética Protestante e o Espírito do capitalismo*, passim.

¹¹ Cf: Lutero, M.: *Aos Conselhos...*, p. 309.

¹² *Idem*, p.310.

¹³ *Idem*, p. 315.

¹⁴ *Idem*, p. 316.

¹⁵ *Idem*, p. 315.

¹⁶ *Idem*, p. 311.

¹⁷ *Idem*, p. 319.

¹⁸ In: Lutero, M.: *Obras Seleccionadas*, volume 2, p. 341-424.

cativeiro babilônico da Igreja, pois, nesse período, ela viveu sob a influência do rei da França. O escrito também é uma investida contra a pompa, o fausto e, ainda, um ataque à concepção de poder centralizado na Igreja, que tinha sido a posição vitoriosa (o curialismo) no refluxo das lutas internas da Igreja Romana no período imediatamente posterior ao Concílio de Constança (1414-1418), que havia reunificado a Igreja Ocidental, deposto os três papas contendores e reafirmado Roma como sede única do papado e havia também se declarado a autoridade máxima da Igreja. A vitória do curialismo se deu em 1460 com Pio II que, numa bula, proibiu o apelo ao concílio geral, declarando que apenas o papa poderia fazê-lo. Tais embates haviam marcado profundamente a Igreja e suas querelas ainda não tinham se esgotado. Estavam ainda abertas as feridas do século anterior.

Outro texto luterano sobre o tema da educação é intitulado *Uma prédica para que se mandem os filhos à escola*, de 1530¹⁹. Nesse momento, Lutero estava refugiado na fortaleza de Coburgo, sob a proteção do Eleitor da Saxônia, enquanto se realizava a dieta de Augsburgo e assessorava, por carta, o príncipe nos debates que lá se faziam. E, como era costume na época, o escrito é dedicado a um potentado. O escolhido foi Lázaro Spengler, síndico do Conselho da cidade de Nürembergue, onde Felipe Melancthon mantinha uma escola gratuita desde 1526. Lutero queria, naturalmente, angariar e garantir apoios à causa da Reforma na Alemanha. É também um texto curto e destinado à pregação de suas teses reformistas. Um texto com tais características tinha possibilidade de divulgação mais rápida e muito mais eficiente.

Logo no início do texto, pode-se identificar a concepção de política e poder para Lutero. Na dedicatória, ele afirma que tanto o governo civil quanto a Igreja são imprescindíveis, pois sem eles nem o comércio existiria²⁰. Seguindo esse raciocínio, ele procurou mostrar que mandar uma criança à escola é encaminhá-la para Deus:

Uma coisa é certa: quando se ajuda, estimula e encoraja crianças a irem à escola e ainda quando se contribui para tanto com dinheiro e conselho para que isso se torne possível, a isso se chama, sem dúvida, ter levado e encaminhado os filhos a Cristo. (M. Lutero: Uma Prédica..., p. 330)

Por outro lado, é impiedoso, segundo ele, não mandar os filhos à escola, pois ela é e deverá ser encarregada de formar líderes e pastores²¹. Assim, a educação é justificada como “cura de almas”²². Novamente podemos observar que o papel da educação é subsidiário ao da religião. A educação escolar deve formar líderes religiosos e políticos para a condução da sociedade e para tal, não é necessário que o jovem seja afastado do convívio familiar²³. Isso, evidentemente é uma reprovação aos mosteiros. No texto, ele insiste em que o poder espiritual é superior ao temporal, pois trata da salvação das almas, enquanto que o poder civil existe para garantir a propriedade²⁴. Ambos foram criados por Deus e deles, assim como da educação, é que depende o império²⁵. Assim, se pode entender que, para ele, a educação seja tanto uma obrigação dos pais quanto um dever do Estado²⁶. Outro golpe, não menos duro e importante, que Lutero desferiu contra a concepção medieval de mundo, é a idéia de que nenhuma profissão ou ofício é superior²⁷. E, se nenhuma profissão pode ser superior e todas podem ser aprendidas, fica aberto, pois, o caminho para a construção do ideário burguês de igualdade formal entre os homens. A partir daí, foi se tornando impossível assegurar que as diferenças de nascimento tornassem os homens diferentes entre si. O que os diferenciaria seria a diligência no trabalho e não o seu nascimento, a partir daí, como pregava e antevia Lutero. E abriram-se, assim, também a possibilidade e as condições para a valorização abstrata do trabalho, marca registrada da sociedade capitalista. Isso porque o ideário evangélico de religião, ao eliminar, em tese, a necessidade de especialização no ofício religioso e a conseqüente diferenciação clerical daí advinda, passou a valorizar a diligência no trabalho, como já foi apontado acima, como sinal especial de eleição. Aquele que trabalha e não vive no ócio, ao demonstrar afeição pelo que faz, não importa o quê, dá sinais de que pertence ao grupo daqueles que se salvarão. A educação aparece, então amalgamando um sistema de valores fortemente ligados à obediência e quietude. Suas referências ao tema da educação e da escola, mesmo não sendo numerosas em sua obra, são determinantes, pois para ele, a educação e a escola

¹⁹ *Eine Predigt, dass man Kinder zur Schule halten solle*, publicado no volume 30, tomo II (p. 517-588) da edição Weimar (WA). É utilizada aqui, a tradução brasileira também feita por Ilson Kayser e publicada no volume 5 das *Obras Seleccionadas* de Martinho Lutero.

²⁰ Lutero, M.: *Uma Prédica...*, p. 329.

²¹ Idem, p. 330.

²² Idem, p. 332.

²³ Idem, p. 340.

²⁴ Cf. p. 347.

²⁵ Idem, p. 351.

²⁶ Conforme ele mesmo afirma: p. 362-363.

²⁷ Cf. p. 354.

devem estar ligadas à religião, sendo um meio para sua difusão e manutenção.

Pode-se dizer ainda de Lutero que, mesmo não tendo formulado uma teoria pedagógica própria e autônoma ou inovadora no modo de ensinar, contribuiu, e muito, para o estabelecimento de novas bases para que a pedagogia moderna fosse construída. E ele contribuiu também para que a educação, na modernidade, passasse a se voltar para a construção da cidadania e da individualidade. Em sua obra, não encontramos uma definição específica sobre educação, mas parece evidente que sua concepção de educação, por ser instrumental, está ligada a uma prática que teria o sentido de reconstruir a religião cristã. Se não houve uma inovação conceitual, houve certamente uma renovação da prática dos educadores após ele e isso possibilitou o estabelecimento de novas bases para a educação e a pedagogia na modernidade

Referências bibliográficas

- Aland, K. (Ed.) *Lutherlexikon*. Göttingen: Vandenhoeck/Ruprecht, 1989.
- Alberigo, G. (Ed.). *Decisioni dei concili ecumenici*. Torino: Utet, 1996.
- Altmann, W. *Lutero e libertação*. São Paulo: Ática, 1994.
- Arnaut de Toledo, C. de A. *Instituição da subjetividade moderna: a contribuição de Inácio de Loyola e Martinho Lutero*. Campinas, 1996. (Doctoral Thesis in Philosophy of Education) - Faculdade de Educação da Universidade de Campinas.
- Belluci, D. *Fede e giustificazione in Lutero*. Roma: Università Gregoriana, 1963.
- Delumeau, J. *Nascimento e afirmação da Reforma*. São Paulo: Pioneira, 1989.
- Frölich, R. *Curso básico de história da Igreja*. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- Lutero, M. *Lieder e prose*. Milano: Mondadori, 1983.
- Lutero, M. *Obras selecionadas*. Porto Alegre/São Leopoldo: Concórdia/ Sinodal. 1987-1996. 6v.
- Lutero, M. *Scritti sull'educazione*. Treviso: Canova, 1972.
- Marx, K. Manuscritos econômicos-filosóficos (3º manuscrito). In: Marx, K. Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.3-48 (Coleção Os Pensadores).
- Melanchton, F. *A confissão de Augsburg*. São Leopoldo, Sinodal, 1980.
- Metzger, W. (ed.) *Luther-Ausgabe*. Stuttgart: Calwer, 1983. 12 Bände.
- Skinner, Q. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- Tawney, R.H. *A religião e o surgimento do capitalismo*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- Weber, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1983.

Received on August 26, 1998.

Accepted on February 16, 1999.